

AS PRELEÇÕES FILOSÓFICAS DE SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA

Antonio Paim

As Preleções Filosóficas sobre a teoria do discurso e da linguagem, a Estética, a Diceósina e a Cosmologia -, de Silvestre Pinheiro Ferreira, denominação que o autor deu ao curso que ministrou em sua estada no Rio de Janeiro— mereceram reedições recentes, indicadas nas **referências** inseridas ao fim..

As *Preleções* são em número de trinta, iniciando-se com duas breves notas introdutórias, denominadas “Advertência” e “Idéia geral da obra”. Seguem-se a tradução das “Categorias” de Aristóteles; um “Índice” (“destinado não só a indicar os lugares destas vinte e duas primeiras Preleções... mas a dar uma idéia resumida delas: e mesmo a corrigir e suprir alguns descuidos, em que se advertiu ulteriormente”); e um suplemento ao índice. As teses são expostas na forma de parágrafos. O curso completava-se com a análise de textos, “escolhidos de autores antigos como modernos, sagrados e profanos”.

Silvestre Pinheiro declara expressamente, na “Advertência”, que só se dispôs a publicá-las pela ausência de um texto apto a servir de base ao curso, não obstante ser de parecer que só se devesse entregar ao prelo “obras trabalhadas com descanso, perfeitas e acabadas”. A isto acrescenta: “É, pois, esta urgência, e não cegueira de amor próprio, quem me move a deixar sair à luz estas Preleções com os numerosos defeitos, que são de esperar de obra que deve ser composta, revista pelas competentes Autoridades e impressa, no curto espaço que medeia entre Leitura e Leitura.” Apesar de que obedeceu a um plano geral, o curso parece haver-se desenvolvido num ou noutro sentido em virtude mesmo dos problemas suscitados, das críticas, das dúvidas. Observa-se a omissão de alguns temas incluídos no programa inicial. Entretanto, estes defeitos e lacunas têm, para o estudioso de seu pensamento, algumas vantagens evidentes: as idéias fundamentais acham-se expostas de diferentes ângulos, repetidas e reformuladas em sucessivas ocasiões.

Em que pese a enorme diversidade de temas abordados no curso, é possível apreender os aspectos essenciais das concepções filosóficas de Silvestre Pinheiro a partir das seguintes teses, implícitas ou explicitadas nas *Preleções*:

- 1) Os fundamentos últimos de todas as ciências repousam na experiência sensível;
- 2) Embora extremamente complexo, lento e perfectível, o processo de elaboração e sistematização dos conhecimentos empíricos tem sua unidade assegurada:

- a) pela identidade da razão humana; e,
- b) pela correspondência existente entre linguagem e realidade;

3) A filosofia é a disciplina que comanda e assegura o êxito do aludido processo.

Antes de passar à análise dessas teses, cumpre indicar a ordem geral de sua exposição e que, num certo sentido, confirma a enumeração precedente das etapas em que desenvolve seu pensamento.

Os principais enunciados relativos ao conhecimento acham-se expostos da Segunda à Oitava preleções. Silvestre Pinheiro esclarece-as primeiro em seu significado mais geral, situa-se a seguir no plano físico elucidando vários conceitos - corpo, átomo, etc. - para precisar bem o que entende por essência, substância ou natureza. Nessa primeira parte traça os contornos gerais da disciplina que denomina de *Cosmologia* e aqui também assinala não só progresso como maior coerência em relação a Verney, como se verá no momento oportuno. No *Plano Geral* do curso, esta seria a última parte, integrada pela *Ontologia* (propriedades gerais dos entes); pela *Nomenclatura das Ciências Físicas e Naturais* e pela *Teologia Natural* (relações dos entes criados com o Criador, deduzidas das propriedades gerais dos entes estabelecidos na Ontologia). Apenas o tópico intermediário (*Nomenclatura*) acha-se suficientemente esclarecido nas “Preleções”. Talvez por isto mesmo haja sentido necessidade, mais tarde, de dedicar à *Ontologia* uma de suas obras.

Em seguida à abordagem do conhecimento, estuda esse processo do ponto de vista da Lógica e logo depois da Gramática. Silvestre Pinheiro revela profunda admiração por Leibniz, em particular no que respeita ao seu projeto de linguagem (gramática) universal. Mas a grande autoridade que mobiliza em favor de suas teses é a de Aristóteles. Assim, descrito o processo do conhecimento, com os pormenores que se indicará, comenta as “Categorias”, justifica exhaustivamente a sua interpretação e toma-a como ponto de partida para passar ao tema subsequente, isto é, ao da ordenação do conhecimento. Nas quatro preleções seguintes (Décima Quarta a Décima Sétima) ocupa-se da ordenação do saber, aplicando o método proposto - que será referido - às diversas ciências. As considerações são interrompidas (Décima Oitava Preleção) para responder a certas objeções ao método aplicado, retomando-as nas seguintes. Da Vigésima Primeira à Vigésima Quarta preleções volta às “Categorias” para nelas apoiar

as novas teses apresentadas. Finalmente, as últimas aulas estão dedicadas à Ética, à Psicologia e à possibilidade de uma Gramática Universal. No *Plano Geral*, a Psicologia seguia-se à introdução geral ao saber (que denomina de “teoria do discurso e da linguagem” e compreende a teoria do conhecimento como fundamento último) e dela é que se deduzia a Diceósina (Ética e Direito Natural).

Na Trigésima Preleção, anuncia uma série de aulas, tendo por tema o Tratado dos Direitos e Deveres do Homem e do Cidadão. Inicia-as enunciando alguns princípios do liberalismo econômico, buscando conciliar as teses dos fisiocratas e dos smithianos. Embora não tenha dado seguimento à meditação, na forma de aulas, aquilo que veio a se transformar no tópico de encerramento das *Preleções* dá enorme coerência ao conjunto de sua obra, desde que cuidaria, nas décadas subsequentes, não apenas de preencher as lacunas dessa construção filosófica, mas, sobretudo, de desenvolver os princípios do liberalismo político.

De modo idêntico a Verney, Pinheiro Ferreira deseja partir de uma teoria do conhecimento elaborada segundo cânones empiristas. Ao mesmo tempo, tendo permanecido sete anos na Alemanha - onde muitas vezes ouviu, segundo informa, seus “mais distintos filósofos... entre eles os dois primeiros discípulos de Kant, Fichte e Schelling” -, beneficiou-se de muitas das idéias ali difundidas, em particular a ambição leibniziana de estruturar uma linguagem universal. Assim, o pensador português estabelece como primeiro patamar da filosofia a *Teoria do Discurso e da Linguagem*. A seu ver, a Lógica, a Gramática e a Retórica são uma só e a mesma arte. Precede-a a análise do conhecimento.

Depois de haver dedicado a primeira aula a apresentar a filosofia como uma espécie de arquitetura do saber, cujo conhecimento seria imprescindível a todo homem de letras, a Segunda Preleção aborda diretamente a questão das idéias e de sua origem.

A importância atribuída à linguagem constitui o ponto através do qual a filosofia de Silvestre Pinheiro irá incorporar a tradição do pensamento português. Mas o fará privilegiando um certo aspecto da obra de Aristóteles, prescindindo de toda a mediação escolástica. O essencial no aristotelismo, segundo entende, consiste nas contribuições lingüísticas, reinterpretadas sem maiores concessões ao platonismo, segundo uma visão empirista. Daí que se tenha lançado a uma nova tradução das “*Categorias*”, cujos aforismos comenta exaustivamente ao longo do curso. Nessa interpretação, não há nenhum lugar para o hilemorfismo. Além de que não privilegia, de nenhum modo, a

chamada *causa formal* - pressuposto da inteligibilidade do real, no contexto aristotélico, justamente o que o situa como um “platonicien malgré lui”, segundo Rougier, desde que faz com que o indivíduo repouse num princípio transcendente - Pinheiro Ferreira esboça uma idéia fecunda ao conceituar a existência (§ § 82-86) como uma relação entre o sujeito que percebe e o objeto percebido. É certo que o tema não é suficientemente aprofundado, mas é quanto basta para dar certa coerência ao seu empirismo.

O empirismo de Pinheiro Ferreira representa uma curiosa conciliação entre Aristóteles e Locke. A sensibilidade, segundo o filósofo português, coloca-nos em contato com qualidades ou complexos de qualidades. Estas são próprias aos indivíduos ou estados individuais que são os únicos presentes à experiência ou à observação. Assim, na base de todo o nosso conhecimento encontram-se *sensações* que nos são provocadas por qualidades imanentes aos indivíduos ou estados individuais que as provocam. O contato com uma qualidade deixa uma *impressão* de que, ao ser recordada, já merecerá a denominação de idéia. Na ausência daquilo que chama sensação, fica-nos a *idéia*. Esta, segundo afirma, acha-se muito vinculada à impressão e, portanto, à sensação que lhe deu origem. Quando nos abstraímos das idéias particulares a cada sensação e nos fixamos unicamente no que é comum a várias dentre elas, tem-se a *noção*. A noção designa o objeto sem referência à sensação originária. Fenômeno análogo tem lugar quando o processo abstrativo é referido aos indivíduos ou estados individuais que nos são dados pela observação. Abstraindo as qualidades que lhes são comuns, chegamos a classificá-los numa *ordem*, num *gênero* ou numa *espécie*. Generalizar uma idéia é dizer que ela se encontra em vários indivíduos. Como se vê, o conceito de idéia, em Silvestre Pinheiro, corresponde ao de representação (imagem representativa).

Mais tarde, nas *Noções elementares de filosofia* (1839), conforme teria oportunidade de chamar a atenção Nady Moreira Domingues da Silva - no texto *O sistema filosófico de S. P. Ferreira*, Rio de Janeiro, 1978, que representa significativo aprofundamento da análise das idéias do filósofo português Silvestre Pinheiro Ferreira introduz uma doutrina da linguagem, destinada a resolver o clássico problema das *qualidades primárias*, que Hume havia reduzido a uma *impressão primeira*. Essa teoria da formação da linguagem é assim resumida por Nady Moreira Domingues da Silva:

“No que poderíamos chamar a sua pré-história, a linguagem originou-se da utilização de pinturas representativas dos objetos, pinturas essas que sofreram uma evolução no seu simbolismo, passando então a representar uma idéia abstrata vinculada

à figura inicial; por exemplo, a figura do leão que inicialmente significava o próprio animal, graças a esse processo evolutivo, passa a significar a força, como também um simples gesto lembra a cólera, a compaixão ou o medo.” (Pág. 51). Como a linguagem é que proporciona ao conhecimento a sua condição de possibilidade, fica estabelecida a base sensualista da ciência. Esta, contudo, não se esgota neste primeiro momento, mas é, segundo vimos, um arcabouço complexo.

Desse núcleo de teses, Silvestre Pinheiro fará derivar todas as idéias, mesmo aquelas cuja origem sensível fora contestada pelo racionalismo. Ao mesmo tempo, estabelecerá uma base para reabilitar, no mesmo contexto, a idéia de substância e a própria noção de causalidade que a crítica empirista deixara tão combatidas. Os suportes dessa posição, segundo se indicou, são a correspondência entre linguagem e realidade e a existência conceituada como uma relação. Assim, no plano da pura imanência, o filósofo português procura dar ao seu empirismo desenvolvimento coerente.

Ao atribuir particular importância às “Categorias” de Aristóteles, Silvestre Pinheiro quer, ao mesmo tempo, apreender o que supõe seja o aristotelismo autêntico, ignorando as interpretações escolásticas, se bem se dispense de contestá-las, presumivelmente por considerá-las suficientemente desacreditadas. A seu ver, das dez categorias do Estagirita, três esgotam todo o universo, a saber: a qualidade, a substância e a relação. Sendo aquela da qual se derivam todos os conhecimentos, a qualidade é a categoria fundamental. A par disto, o conceito de substância sofre em suas mãos uma alteração básica.

Na acepção tradicional, a substância é o que se encontra por baixo das aparências. *Stare* refere-se à permanência, *sub* indica que esta permanência acha-se sob as *qualidades*, que se considera mutáveis. Como fundamento e permanência, a idéia de substância estabeleceu certa dicotomia no real, separando a mutação da permanência, o fenômeno, aquilo que aparece, do que seria o seu suporte. A filosofia inglesa submeteu essa acepção a uma crítica demolidora e Silvestre Pinheiro a aceitaria, aprofundando e dando maior coerência às posições de Verney.

Nas *Preleções*, distinguem-se *essência*, *substância* e *natureza*, idéias todas que correspondem a um agrupamento peculiar das qualidades que nos são dadas pela observação e a experiência sensível. A essência compreende o complexo de qualidades atuais e que se conclui serem essenciais. Já a substância abrange não só as qualidades essenciais como as acidentais, comuns aos estados presente e passado. Num certo sentido, o conceito de substância corresponde ao indivíduo. Quanto à natureza, abrange

não apenas as notas presentes ao conceito de substância, mas as qualidades futuras ou possíveis.

A essência não se situa como uma, indivisível ou indecomponível. A partir dos exemplos que traz à luz, a idéia de essência em Pinheiro Ferreira está muito mais próxima do moderno conceito de estrutura que da essência aristotélica. Um bloco de mármore, afirma, consiste num complexo de qualidades: figura, transparência, reflexo, densidade, peso e frieza. Se um escultor o toma e dele faz uma estátua, deixaria de ser um bloco, permanecendo, entretanto, as mesmas qualidades, exceto a figura. Esta deve, pois, ser considerada uma qualidade accidental. Ao invés, entretanto, de transformá-lo em estátua, se o escultor o tivesse reduzido a pó, a densidade do mármore ficaria alterada e assim todas as outras qualidades: cor, transparência, figura, etc. A densidade é, portanto, uma qualidade essencial do mármore. O estilo de pensamento é o da indução baconiana e da ciência experimental. Para adaptar o aristotelismo a essa acepção peculiar, traduz como essência e não como substância a primeira categoria (*ousia*) de Aristóteles. Entende que o termo substância não convém por ser demasiado particular. Tampouco aceita traduzi-la como “cousa”, denominação que pode ser aplicada também aos acidentes. Em consequência, não aparece em sua tradução “substâncias primeiras” e “substâncias segundas”, mas “essências primárias” e “essências secundárias”. Com estas últimas é que identifica o seu conceito de essência (qualidade essencial). As essências secundárias correspondem aos conceitos universais, aos gêneros e às espécies (o que se *diz de*, mas não existe *em*). As essências primárias, na filosofia de Silvestre Pinheiro, são assimiláveis às substâncias.

Da idéia de substância, nas *Preleções*, desaparece a conceituação tradicional de fundamento ou suporte subjacente a algo que aparece. Resume-se ao conjunto de qualidades essenciais e accidentais e pode ser assimilada ao indivíduo ou corpo (“tanto ao que chamamos indivíduos como ao que chamamos substância chama Aristóteles essências primárias”, § 766). A distinção entre indivíduo ou corpo e substância parece irrelevante. O indivíduo abrange o conjunto de qualidades essenciais e accidentais no momento que se considera, enquanto a idéia de substância deve englobar também aos momentos precedentes. Já a idéia de natureza tem em vista abranger todos os diferentes estados, nos diversos momentos da sua existência. Da natureza da água, atualmente no estado líquido, fazem parte também as qualidades que apresentaria sob a forma de gelo ou vapor.

Como a possibilidade do erro não se situa no âmbito da sensibilidade - salvo no caso de enfermidade de qualquer de seus órgãos - e há certo paralelismo entre linguagem e realidade, os diversos planos se superpõem: *ôntico* (essência primária, indivíduo, corpo, substância), *lógico* (sujeito) e *gramatical* (substantivo).

Estabelecidos tais suportes para o conhecimento empírico, trata-se de passar à sua ordenação.

O processo de constituição do saber, na arquitetura, concebido por Silvestre Pinheiro, é parte integrante da matéria introdutória. Elucidado plenamente o processo do conhecimento, cumpre estabelecer com clareza e precisão os métodos requeridos para a constituição da ciência. Os dois pólos conhecimento e sua ordenação - formam a textura através da qual se estabelece a necessária solidariedade entre realidade e linguagem, entre os planos ôntico, lógico e gramatical. De posse de todos esses elementos é que o estudioso estará em condições de aperceber-se da viabilidade de uma linguagem universal, ou melhor, do significado profundo da *Teoria do Discurso*. Do ponto de vista didático, só a partir de tais premissas é que se pode passar às duas grandes seções da filosofia: o *Tratado das Paixões e a Cosmologia* (também denominada *Sistema do Mundo*). Na primeira, as paixões são equiparadas às sensações e versam matéria de gosto (sobre o que repousam a Estética e a Eloquência, a Poesia e o conjunto das Belas-Artes) ou são encaradas como atos morais, ponto de partida para a já referida *Diceósina*. Vejamos, primeiramente, o problema da ordenação do conhecimento para, em seguida, situar a sua idéia de Cosmologia. Por esse caminho, será possível tratar de modo autônomo aquilo a que dá tanta importância no contexto da Ética, isto é, as idéias políticas - sabendo-se que não foram suficientemente elucidadas nas *Preleções*.

As ciências partem dos *fatos*, ou melhor, de observações dos indivíduos ou estados individuais, das substâncias ou de suas qualidades. Estabelecida a origem sensível do conhecimento dos *fatos*, as ciências - tanto físicas como morais - identificam-se como tais pelo grau de precisão, respectivamente, da nomenclatura, do *sistema*, da *teoria* e do *método*. Essas etapas assumem particular importância cada uma a seu tempo. Ainda assim, é à *nomenclatura* que Silvestre Pinheiro dedicaria maior atenção, não apenas por inserir-se no contexto da introdução ao saber, mas também pela missão de particular importância que atribui à linguagem. Os fatos são conhecimentos - dirá - mas ainda não constituem ciência. Esta só tem início quando dispuser de uma linguagem fundada em princípios (§ 538). Ou ainda: é pelo grau de perfeição da nomenclatura, muito mais que pela abundância de fatos, que se avalia o adiantamento de qualquer ciência (§ 540).

A questão essencial da nomenclatura consiste na definição. Nem todas as pessoas que entendem uma palavra conseguem defini-la com acerto. Não compete estabelecer nenhuma distinção entre definição do nome e definição da coisa. “Pouca reflexão é necessária para se ver a futilidade desta distinção. Quem define, determina, descreve e enumera o que conhece, os conhecimentos, as idéias que tem dessa coisa. Ora, isto, e nada mais, é o que faz quem define o nome de qualquer coisa” (§ 603). Silvestre Pinheiro procura indicar as regras do bem definir e ilustra-as amplamente no exame da nomenclatura das diversas ciências, oportunidade de que se aproveita para realizar um verdadeiro balanço do desenvolvimento alcançado em cada uma delas. A propósito, cumpre assinalar que a crítica por ele empreendida à classificação de Lineu, às lacunas da mineralogia, a abordagem que efetua, enfim, de vários temas científicos, não foi considerada suficientemente acessível, como seria de esperar dos objetivos do Curso, o que suscitou certas objeções. A isto responderia, na Décima Oitava Preleção, dizendo não se haver proposto ministrar um “curso elementar”, mas empreender a análise de certos temas ao nível daquela parte da mocidade familiarizada com a linguagem das ciências.

É interessante registrar que, no terreno das ciências físicas, considera inteiramente nula a contribuição dos pensadores anteriores ao século XVI. A seu ver, permaneceram por muito tempo no esquecimento, vítimas de uma espécie de desprezo, enquanto as ciências morais constituíam a ocupação exclusiva de todos os homens de letras. A partir do século XVII, verificou-se autêntica inversão: “As ciências morais pareceram ficar estacionárias, ao mesmo tempo em que as outras não têm cessado de fazer os mais rápidos e pasmosos progressos” (§ 495).

A definição deve abranger o conjunto de idéias que a palavra suscita em comum naqueles que a empregam em caso semelhante. Há circunstâncias em que é lícito a cada um postular o que se deva entender, daí por diante, com a expressão em apreço, a saber: 1ª) quando a experiência tenha feito conhecer algumas novas qualidades do objeto que a palavra designa, ou haja demonstrado serem imaginárias algumas das que lhe eram atribuídas; e, 2ª) quando se elege entre dois sinônimos até então empregados indiferentemente, em prol do rigor da definição. Como se vê, a adequação da linguagem à realidade é problema capital do pensamento científico. As objeções apresentadas à terminologia científica de seu tempo indicam que estava convencido da complexidade da tarefa que o saber tinha pela frente.

A seu ver, o conjunto de observações dispersas tende a dispor-se em diferentes grupos (classes), nos quais distinguimos certas propriedades que definem o seu caráter. Esses agrupamentos, observados com maior rigor, comportam uma classificação ulterior, permitindo-nos verificar “que esses grupos se compõem de muitos outros e estes ainda de outros, e assim sucessivamente, até chegar aos indivíduos que, reunidos em maior ou menor número, constituem um só e simples Grupo, que se não pode dividir em outros, e a que se chama Espécie. Todos os outros grupos intermediários, desde a Classe até a Espécie, têm seus nomes particulares, tais como Ordem, Seção, Família, Gênero, etc. Esta disposição que os fatos tomam por si mesmos em nosso espírito constituem o terceiro elemento da ciência, denominado sistema” (§ 15).

Na prática, registra-se inteira coincidência entre as etapas descritas da ordenação do saber e o processo geral do conhecimento.

Na exposição do filósofo português, só a teoria e o método seriam peculiares ao saber científico. Sem a descoberta e a indicação da causa, da razão e dos efeitos dos fenômenos, os fatos, a nomenclatura e o próprio sistema constituiriam simples observações isoladas e inúteis. “Se temos diante dos olhos um efeito, é preciso que saibamos descobrir a razão dele e achar a sua causa; bem como acontecendo não vermos senão a razão ou a causa, é preciso sabermos adivinhar qual será o seu efeito. Os princípios que conduzem à resolução destes três problemas é que eu chamo Teoria da Ciência” (§ 17).

As ciências pressupõem um método por duas razões fundamentais: 1ª) tendo em vista indicar o caminho percorrido para que a teoria não se apresente aos outros homens como um labirinto cujo segredo só estaria ao alcance de seu autor; e, 2ª) o homem de ciência não pode orientar-se apenas pela intuição, que pode levá-lo a perder-se e confundir-se. Segundo se depreende das *Preleções*, Silvestre Pinheiro admitia que cada ciência possuísse o seu próprio método, havendo apenas “certas regras do arranjo no sistema e de dedução na teoria que são comuns a todas. E, portanto, entram... na alçada da Filosofia, debaixo do nome de Metodologia” (§ 20). A questão não mereceu, entretanto, tratamento autônomo e exaustivo, a exemplo das etapas anteriores.

Nas *Preleções Filosóficas* de Silvestre Pinheiro Ferreira, a influência marcante é exercida pelo empirismo inglês, em particular pela obra de Locke. Esta, entretanto, inclui-se num amplo processo de crítica à metafísica tradicional visando despojá-la da amplitude que, num certo sentido, o filósofo português ambicionava preservar. Ao mesmo tempo, estava muito familiarizado com a ciência de sua época para incorrer nas

imprecisões de Verney quando dava à Física uma posição de domínio no objeto da Filosofia, envolvendo-a, porém, numa roupagem mais adequada à escolástica que ao pensamento científico moderno. Para superar o impasse, Silvestre Pinheiro procuraria tirar o máximo proveito de seu contato com a filosofia alemã, não aquela que conhecera diretamente, através dos primeiros pós-kantianos, mas a meditação precedente, de Leibniz e Wolff.

Christian Wolff (1679/1754), sistematizador das idéias de Leibniz, não apenas reintroduziu a cosmologia, atribuindo-lhe uma posição na nova metafísica, como procurou identificar filosofia e saber organizado. Pode ser considerado como o realizador da idéia de “sistema”, nas novas condições do pensamento moderno. Subdividia a filosofia em teórica e prática. Na primeira, a disciplina fundamental era constituída pela *ontologia*, que proporcionava a indispensável base conceitual para a *cosmologia*, a *psicologia* e a *teologia natural*. Compunha-se a filosofia prática da *economia* e da *política*.

O chamado sistema Leibniz-Wolff conquistou a maioria das cátedras alemãs durante o século XVIII. O idealismo das últimas décadas não poderia operar mudança automática nesta situação, sendo plausível admitir-se que Silvestre Pinheiro dela teria tomado conhecimento como algo de representativo e influente. O certo é que, se bem buscasse apoiar-se, no fundamental, nas idéias do empirismo inglês, o esquema geral da arquitetura em que este se introduzia estava bem próximo do sistema de Wolff. Semelhante opção deu a Silvestre Pinheiro os suportes de que carecia para apresentar-se não apenas como inovador, mas também como simultâneo continuador da tradição.

Nas *Preleções* não se deu tratamento sistemático à Cosmologia ou Sistema do Mundo, anunciado como terceira parte do Curso na “Idéia Geral da Obra”. Ao que parece, seu autor interrompeu-o antes de alcançar o tema. O assunto é abordado tão somente na Quinta Preleção. Do que se depreende de sua leitura, Silvestre Pinheiro identifica-a apenas com a cosmologia geral (ou transcendental) de Wolff, ainda assim encarando-a de ângulo bem diverso. Não se trata de estabelecer qualquer hierarquia entre cosmologia e ciências físicas, de entender a primeira como uma espécie de introdução às segundas, a exemplo da “Física” de Verney. Mas de interpretar certas descobertas da ciência experimental em benefício de determinados enunciados metafísicos, solidários todos de um sistema no qual se insere a teologia.

A idéia cosmológica fundamental consiste na afirmativa da ligação de todas as partes do Universo entre si. Em Silvestre Pinheiro, esse postulado do sistema Leibniz-Wolff sofre, entretanto, uma certa redução empirista.

As substâncias simples, quando integradas num sistema, chamam-se mônada, átomo, princípio, elemento ou princípio elementar. Consideradas em si mesmas, isto é, independentemente dos sistemas de que participam, denominam-se matéria. As mônadas, quando reunidas num sistema, correspondem à massa; quando são de tamanho inferior àquele que nosso tato e nossa vista podem distinguir, chamam-se moléculas. Todo corpo forma um sistema cujas partes se acham em contato e são solidárias umas com as outras (§§ 115 e 118).

Nesse contexto empirista, é que aceita e defende a tese de Leibniz segundo a qual “qualquer das mônadas, de que o universo se compõe, é representativa do mesmo universo” (§ 177). Busca comprovar esse princípio – “qualquer fenômeno, por menor que ele seja, assim como é efeito da reunião de todos os que lhe têm precedido na vasta extensão do Universo, assim também está ligado a todos os futuros, como razão principal de todos eles” (§ 185) - à luz de certas doutrinas relativas aos fenômenos das marés, da respiração das plantas e dos animais e à ação dos óleos sobre as vagas do mar. Ou melhor: não deduz a ciência experimental do aludido princípio, mas nela se apóia para comprová-lo.

Também o conceito de *natureza* sofrerá em suas mãos certa metamorfose, na linha principal de sua meditação, isto é, fundir num só bloco a tradição e o pensamento moderno. Nas *Preleções*, corresponde a todas as substâncias do universo, coletivamente, ou ao próprio Universo. É a conceituação através da qual se chegou ao denominado *naturalismo* e à franca oposição da Natureza a Deus. Em Silvestre Pinheiro não se dá semelhante desenvolvimento, mas o conceito se dissocia da escolástica, que o vinculava ao fenômeno da criação. A esse respeito diz: “É neste sentido (no da ligação entre todas as partes do universo) que, falando-se de alguns daqueles fenômenos em particular, se diz ser *efeito ou obra da natureza*: expressão mui sensata e filosófica, contanto que não se aplique, como alguns pseudo-filósofos o têm feito, ao fato da Criação” (§ 188).

O desejo expresso do filósofo português é mostrar que a ciência experimental pode vir em socorro de certas teses incorporadas ao pensamento de sua pátria e nunca estabelecer princípios rígidos que possam obstaculizar o florescimento das ciências. A solidariedade de todos os fenômenos do Universo, afirma, “depois de ter sido

contestada por muito tempo, foi, enfim, verificada por experiências feitas de propósito, com todo o possível cuidado, por vários naturalistas modernos, entre os quais merece citar-se, como o mais distinto, o imortal Franklin” (§ 181). Vale dizer: as questões não mais se decidem pelas famosas *disputationes*, mas pela observação e a experimentação. E esta ensina: “Qualquer que tenha sido o estado do Universo, no primeiro momento depois da criação, as partes de que ele se compõe tinham, nas forças de atração e repulsão de que eram dotadas, dois princípios de conservação, de perfeição, de decadência e de regeneração, expressões que abrangem todos os fenômenos que a observação do Universo nos oferece” (§ 192). Assim, aceita a desvinculação entre física e metafísica, tornada possível com a obra de Newton. A cosmologia ou sistema do mundo, em Silvestre Pinheiro, impossibilita a reintrodução de algo como a teoria hilemórfica, o que não se dava em Verney -, desde que aspira tão-somente a beneficiar-se dos avanços da ciência experimental e não a ditar o arcabouço no qual lhe competiria situar-se.

A grande ambição de Silvestre Pinheiro Ferreira consistia não apenas em estruturar um sistema de base empirista, mas, sobretudo, em permitir que o liberalismo político (o *direito constitucional*, como preferia denominar) encontrasse seu lugar num todo coerente. Para tanto, não podia ocorrer que a idéia de *liberdade* se reduzisse a um simples postulado. No contexto protestante, era indiferente que o homem estivesse privado do livre arbítrio porquanto sua missão no mundo estava predeterminada (erigir uma obra digna da glória de Deus e não se salvar pela obra, a exemplo da tradição católica). No ambiente cultural luso-brasileiro, o liberalismo não podia simplesmente sobrepor-se à idéia de que “o homem é um vil bicho da terra” (Nuno Marques Pereira) ou às teses da ética de Job, antes comentadas.

Além disto, o filósofo português dá-se conta de que, embora tivesse resolvido satisfatoriamente a questão da correspondência entre linguagem e realidade, não podia emergir em semelhante generalidade todas as categorias. Para quem tanto meditara sobre cada um dos principais conceitos da filosofia, teria de ser evidente que idéias tais como *igualdade*, *relação*, etc., não advinham do simples contato com os indivíduos (substâncias primárias), que se reduziam, no final de contas, às únicas a que tínhamos acesso diretamente. Por isto mesmo encaminhará a discussão naquele sentido seguido pelo sensualismo francês e que abriria o caminho à meditação de Biran, vale dizer, à hipótese de que as categorias fundamentais deveriam merecer análise específica e que as fizesse repousar numa experiência passível de ser reconstituída. Henrt Gouhier indica

que Destutt de Tracy, na crítica a Condillac, chegara muito perto da idéia de ato *voluntário*, de que partiria Biran para reconstituir o empirismo. O mesmo se pode dizer da meditação de Silvestre Pinheiro Ferreira. Como os empiristas ingleses nos quais se inspira, remonta às sensações as diversas categorias. A idéia de causalidade, como a de tempo, deriva da experiência com a simultaneidade e a sucessão. É uma relação que supõe duas ou mais substâncias, a exemplo do conceito de existência, que se aplica à relação daquele que percebe com o objeto percebido. As sensações de gosto e dor identificam-se com as idéias de virtude e vício. A virtude e o vício são o mesmo que o justo e o injusto (§ 887).

Silvestre Pinheiro Ferreira não quis chegar à redução da alma a simples epifenômeno - se bem não a considerasse eminentemente ativa, mas afirmasse também a sua passividade, posto que, assim, tornaria extremamente vulnerável ao seu humanismo. Por isto mesmo, viu-se obrigado a enfrentar o discutido problema de suas relações com o corpo. A existência dessa união parece-lhe de todo indiscutível. “Um corpo qualquer afeta um dos nossos sentidos e esta mudança de estado do nosso corpo, a que se chama efeito relativamente à sensação que se segue na nossa alma, a quem então se dá o epíteto de passiva. E diz-se que *os corpos obraram sobre ela*. Mas aquela sensação umas vezes produz no corpo movimentos que nos causam novas sensações; outras vezes, ou não produzem nenhum movimento ou, se os produz, são tais que não nos causam nenhuma sensação. Nestes dois últimos casos, diz-se que a alma nada obrou, que ficou passiva. Mas no primeiro caso chama-se ativa, e diz-se que ela obrou sobre os corpos. A esta série de diferentes estados da alma, que são alternativamente razão e efeito de uma correspondente série de estados de nosso corpo, é que se tem dado o nome de *união da alma com o corpo*” (§ 906). Como se explica, então, que assim seja? Ao invés de enfrentar a questão propriamente dita, limita-se o filósofo português a dizer que a palavra *como* exige apenas a indicação de todos os fenômenos que precederam ao caso em apreço, o que não se aplica à união da alma com o corpo, que não é fenômeno pardo nem o último de uma série. “... se se nos perguntar como a nossa alma obrou ou produziu um determinado e parcial efeito ou mudança em nosso corpo, responderemos adequada e completamente enumerando as mudanças que, tanto na alma como no corpo, precederam a essa, de que se nos pede o como. Porém se se nos perguntar pelo *como* da totalidade das ações da alma sobre o corpo e do corpo sobre a alma, é pergunta que não tem resposta; porque se se nos pergunta que significa a palavra como em um caso em que ela nada significa é como se nos perguntasse qual é a cor do

som de uma trombeta ou (mais adequadamente) quem estava em um lugar antes que todos lá estiveram” (§ 909). Na verdade, a transcendência da alma, no contexto imanentista das *Preleções*, é de todo inexplicável.

Também a idéia de liberdade e a própria liberdade da pessoa humana - defendida e afirmada pelo autor das *Preleções Filosóficas* - não se derivam *stricto sensu* de seu sistema.

A exemplo do comum dos empiristas, Silvestre Pinheiro Ferreira não concebe apenas as sensações externas, mas a estas equipara as vivências interiores. Nestas últimas é que repousa a sua defesa da existência da alma. Delas também se servirá não apenas para explicar a origem da idéia de liberdade como também para apresentá-la como a dimensão própria da pessoa humana. Segundo se depreende das *Preleções*, a idéia de liberdade estaria vinculada a uma experiência “*sui generis*”. Através do senso íntimo, travamos contato com um dos atributos peculiares ao homem e que é a possibilidade de escolha, a capacidade de optar. A observação dos fenômenos vinculados à formação das idéias e à atividade indica que a produção de certos efeitos exige tanto a ação de um “agente” como certo estado peculiar à pessoa, que chama de disposição. Isto explicaria que a certas ações corpóreas nem sempre se sigam os efeitos que seriam de esperar. No caso particular das ações mentais, a observação nos revela algo de muito importante. Ocorre que, “verificando-se a razão no Agente como a disposição no Paciente, muitas vezes acontece não se seguir neste o correspondente efeito. Para se designar esta singularidade das ações mentais é que se emprega a palavra liberdade” (§ 901). Os atos voluntários, dirá mais tarde, ou são instintivos ou livres. Os primeiros resumem o plano a que se acham adstritos os animais. Os segundos são próprios do espírito humano.

O propósito principal de Silvestre Pinheiro Ferreira consiste sem dúvida em contribuir para que se completem as reformas iniciadas por Pombal, promovendo-se a liberalização das instituições políticas e, desta forma, completando o processo de inserção de Portugal na Época Moderna. Outro não era o ideal de parcela representativa da elite de seu tempo. Singulariza-o, entretanto, o fato de que haja sustentado a hipótese de que o liberalismo político teria de encontrar o seu lugar num sistema filosófico que estivesse em harmonia com as melhores tradições da cultura portuguesa. Ao fazê-lo, encaminhou muitos de seus discípulos na linha de buscar a coerência, do empirismo, o que os colocaria diretamente em contato com a problemática filosófica contemporânea.

Por isto mesmo, pode-se dizer que sua obra representa a ante-sala da primeira corrente de filosofia estruturada no ciclo posterior à Independência.

Indicações de índole bibliográfica

Nos **Anais da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro**, Vale Cabral insere a seguinte nota acerca da edição original das **Preleções**:

“Compreende 30 preleções com 1011p. É dividida em duas partes; a segunda contém as preleções 23^a à 30^a, não traz folha de rosto, prosseguindo a numeração de páginas. A obra não ficou concluída, e posto que começada em 1813, ainda em 1816 saiu a 23^a. preleção; em 1818, da 26^a à 29^a e, em 1820, apareceu a 30^a e última.

Ver análise no **Patriota**, vol. 2 (1813), nº 3, pág. 69; no **Investigador Português**, vol. II (1813) p. 47 – 236; e no **Correio Braziliense**, vol. XIII (1814), pág. 160 e vol. XVII (1816) p. 187” (Volume citado dos **Anais**, págs. 101/102).

As **Preleções filosóficas**, de Silvestre Pinheiro Ferreira, mereceram três edições posteriores, todas no século passado. As referências são as seguintes:

1^a) Silvestre Pinheiro Ferreira. Escritos filosóficos. **Revista da Universidade de Coimbra**, 1960;

2^a) A cargo do Instituto Brasileiro de Filosofia (**Preleções filosóficas**; 2^a ed. Introdução de Antonio Paim; São Paulo, Grijalbo/USP, 1970, 389p.) Acrescidas dos comentários do **Correio Braziliense** (igualmente transcritos na Revista Brasileira de Filosofia (63): 403-420, julho/setembro, 1966) e das **Categorias de Aristóteles**, traduzidas do grego e ordenadas conforme um novo plano por Silvestre Pinheiro Ferreira para uso das **Preleções Filosóficas** do mesmo autor (Rio de Janeiro, Imprensa Régia).

3^a) Silvestre Pinheiro Ferreira - **Preleções filosóficas**. Introdução de José Esteves Pereira. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1996.